

# e a Semiótica Crítica de Fluxo no Cinema



A crítica cinematográfica francesa dos anos 2000, notadamente a revista Cahiers du Cinéma, a partir de textos de Stéphane Bouquet e Jean-Marc Lalanne, identificou no cenário contemporâneo um novo movimento da história do cinema - o Cinema de Fluxo. Um movimento iniciado no final dos anos 1980, o Cinema de Fluxo não se caracteriza por um traço de estilo, mas por um comportamento do olhar, um convite a uma "contemplação assignificante do mundo". Este cinema não se preocupa em amarrar significados, mas construir ritmos, atmosferas e ambiências.

O presente trabalho pretende compreender como se dá a construção dessas atmosferas e ambiências no Cinema de Fluxo partindo da Teoria das Materialidades de Hans Ulrich Gumbrecht e das concepções de Marshall McLuhan a respeito do meio, da mensagem e da criação de ambientes comunicacionais. Assim, a partir de uma revisão de literatura a respeito desses conceitos, analisamos dois filmes representantes do Cinema de Fluxo: *Café Lumière* (2003), de Hou Hsiao-hsien, e *Elefante* (2003), de Gus Van Sant. No atual estágio da pesquisa, foi possível depreender que a paisagem sonora e a *misé en scène* são elementos fundamentais para que se faça visível (e audível) uma dada ambiência. Este trabalho se insere na pesquisa "Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades na comunicação" desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC).